

SENESCÊNCIA, ABANDONO E MORTE: COMPARAÇÕES HISTÓRICAS DAS SOCIEDADES TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS

Antônio Dimas Cardoso¹
Universidade Estadual de Montes Claros

Máximo Alessandro Mendes Ottoni²
Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: O artigo traz uma história pouco conhecida para a maioria das pessoas, mas que é de fundamental importância para o entendimento de outras culturas, em se tratando da história dos idosos. Por ser uma população muitas vezes excluída no passado, vários registros foram perdidos ou não foram catalogados pelas sociedades; fazendo-se necessário uma pesquisa abrangente para que se possa construir parte desse passado. Trata-se de uma revisão bibliográfica com autores de referência, buscando apresentar uma visão geral dos idosos nas sociedades, comparando principalmente a questão do abandono e da morte da população senil nas sociedades tradicionais e na sociedade atual.

Palavras-chave: Envelhecimento; tradições; extermínio.

SENESCENCE, ABANDONMENT AND DEATH: HISTORICAL COMPARISONS OF TRADITIONAL AND CONTEMPORARY SOCIETIES

Abstract: The article brings a little-known history to most people, but that is of fundamental importance for the understanding of other cultures, when it comes to the history of the elderly. It is a population, often excluded in the past, so several records were lost or were not cataloged by societies, requiring a comprehensive survey to build part of this past. It is a bibliographical review with reference authors, aiming to present an overview of the elderly in societies, comparing mainly the issue of abandonment and death of the senile population in traditional societies and in today's society.

Keywords: Aging; traditions; extermination.

Introdução

Este trabalho procurou resgatar parte de uma história “obscura” sobre a situação dos idosos em diferentes sociedades e períodos distintos. Na problemática, buscou-se compreender como era o tratamento das diversas culturas em relação ao idoso, tendo como base as questões: o valor e o respeito que cada sociedade dava ao ancião; o amparo das pessoas de culturas diferentes para com a população senil; e, questões referentes ao modo de como era realizada a morte da população idosa. A escolha pelas sociedades tradicionais se deu pela sua

¹ Email: dimascardoso@uol.com.br

² Email: maximo.ottoni@yahoo.com.br

peculiaridade no trato com os idosos, numa tentativa de realizar uma comparação com as sociedades contemporâneas.

Trata-se de um trabalho bibliográfico que, por meio de uma gama de autores, incluindo os clássicos em envelhecimento, como Simone de Beauvoir e Norbert Elias; os contemporâneos, como Ana Amélia Camarano; além de Jared Diamond, referência nos estudos sobre sociedades tradicionais; trazem a tona questões consideradas tabus, como abandono, exclusão, maus tratos, morte e eutanásia em idosos.

O idoso na história

Para que haja um maior entendimento sobre o abandono e a morte dos idosos em sociedades e períodos distintos, se faz necessário um retorno à história dos anciãos. O que se sabe sobre os idosos na história foi retirado dos poucos registros existentes, devido à falta de interesse e pelo pouco valor que determinadas sociedades destinavam a essa parcela da população. Além dos raros registros existentes, quando os anciãos eram citados historicamente, escrevia-se, na maioria das vezes, sobre pessoas do sexo masculino e que fossem bem sucedidas.³ Dessa forma, muitos dados sobre o envelhecimento nas sociedades não foram devidamente documentados e idosos pobres e mulheres idosas foram deixadas de lado nesse contexto. Outra linha de pensamento similar foi que, no passado, a velhice era tratada como algo “escondido” e pouco comentada pelas sociedades.⁴

Porém, apesar dos poucos registros, existem achados que podem dar uma noção de como era a visão sobre o idoso no passado. No Ocidente, por exemplo, o primeiro texto sobre idosos foi encontrado no Egito, no ano de 2.500 a.C., e foi escrito por Ptah-Hotep, que colocou uma carga pejorativa sobre a população senil.

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas

³BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. De Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 111.

⁴DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004. p. 17.

faculdades intelectuais diminuem e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade e o sentimento do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope e não se pode mais sentir nenhum odor.⁵

Percebe-se que ora os idosos eram elevados, ora eram desprezados. Mas isso irá depender de inúmeros fatores, como da sociedade que está sendo analisada, de qual o período da história será retratado, da cultura da civilização estudada, dentre outros. Dependendo do que for estudado, o idoso poderá ser completamente excluído, ou possuir poderes, incluindo o poder de governar. Dependendo da região e dos costumes, o ancião poderia ser considerado um sábio e uma pessoa relevante dentro da família, ou se tornar um ser descartável, que não teria mais utilidade na sociedade.⁶

Na Grécia antiga, os idosos eram vistos como homens de honra e tidos por sábios. Mas esse pensamento não era unânime, pois o envelhecimento também foi visto de forma pejorativa, decadente, e como um castigo dos deuses. Um exemplo foi o poeta Minermo (630 a.C) que cantava, exaltando os prazeres da juventude, mas odiava o envelhecimento: “Repete sem cessar que preferiria morrer a envelhecer.”⁷

Em Esparta, havia honra aos idosos que, após os 60 anos, eram liberados das obrigações militares, mas tinham a função de manter a ordem. Mas esse poder estava nas mãos dos anciãos ricos. Em Atenas, quando os filhos maltratavam os pais, a decisão para os delitos era levada para o julgamento dos juízes, que tinham o poder de julgar e, para isso, deveriam ter 60 anos ou mais.

Sobre a velhice, os filósofos gregos Platão e Aristóteles tinham visões diferentes quanto ao assunto. Platão acreditava que as pessoas estariam prontas para governar quando completassem 50 anos, pois não acreditava que a decadência do tempo atingisse o corpo, mas via que a alma humana ficaria mais livre com isso. Ele acreditava que os jovens deveriam obedecer aos mandos dos

⁵BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 114.

⁶SECCO; Carmen Lucia Tindó Ribeiro. As rugas do tempo na ficção. *In: Envelhecimento e Saúde Mental - Uma Aproximação Multidisciplinar*. Cadernos IPUB / Instituto de Psiquiatria da UFRJ, RJ: n.10, p. 9-33, 1999. .

⁷BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 123.

idosos. Já Aristóteles percebia que a decadência do corpo atingiria o indivíduo. Apesar de acreditar que o indivíduo deveria ter certa idade para atingir a sua maturidade, ele dizia que esse amadurecimento finalizaria aos 50 anos, e que os velhos por terem sido enganados e cometido erros ao longo da vida, teriam vários problemas, como: insegurança, temores, desconfiança, mesquinhez, imprudência, infelicidade, dentre outros.⁸

A China antiga foi um caso mais específico, pois deu mais valor à experiência do que a força. Como as pessoas mais antigas eram mais letradas, elas detinham maiores poderes. Situação semelhante ocorria na família, na qual todos deveriam obedecer ao homem mais idoso. A mulher deveria obedecer ao marido, incondicionalmente, assim como os filhos. O poder do pai era tão grande, que ele poderia até vender as filhas como escravas. Essa obediência era também tida do irmão mais novo para com o mais velho. A mulher, quando chegava à velhice, ganhava a obediência dos mais jovens. O respeito extrapolava o espaço familiar e se estendia à comunidade, a ponto de pessoas simularem ser mais velhos para obter mais direitos.⁹

Analisando outras civilizações, para os Incas e Astecas, os idosos tinham responsabilidades públicas. Os Hebreus os viam como chefes respeitados. Os egípcios não gostavam da velhice e, em uma de suas obras, sugeriram nos seus papiros o consumo de glândulas frescas de animais mais novos, a fim de que um velho se transformasse em um jovem. Os gauleses, na história antiga, exterminavam doentes e idosos que desejassem a morte.¹⁰ Mais recentemente, na cultura indígena brasileira, foi verificado que os idosos possuíam as funções de chefes da tribo, de pajés e de curandeiros.¹¹

Na Roma antiga, por volta do século VIII a.C., os idosos eram mortos por afogamento, o que “deve ter havido, como em quase todas as sociedades, um radical contraste entre o destino dos velhos que pertenciam à elite e os que faziam parte da massa”.¹² Já no século II a.C., a República foi governada por uma rica

⁸BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 134-138.

⁹Ibidem. p. 112-113.

¹⁰Ibidem. p. 114-126.

¹¹SECCO; C. L. T. Op. Cit., p. 9-33.

¹²BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 140.

oligarquia formada por idosos. Para se chegar às altas magistraturas era necessária uma idade avançada, e o voto dessas pessoas tinha um peso maior do que o das outras faixas etárias. O poder paterno dentro da família era quase ilimitado, podendo o pai vender, mutilar ou até matar alguma dessas pessoas. O casamento só era permitido com o consentimento do pai e do avô.¹³

Tempos depois, a queda do Império Romano¹⁴ foi fundamental para a decadência do idoso, pois, juntamente com o Cristianismo, houve um culto à juventude, e a velhice passou a ser tratada como algo vergonhoso. Mas foi nesse período que a Igreja Católica construiu asilos e hospitais, colocando a esmola como um dever. Não há relatos de idosos sobre isso, mas muitos podem ter sido beneficiados com essas caridades. No século VI, a velhice foi tida como a finalização da vida, ocorrendo o massacre de idosas, pois foram tidas por bruxas.

Na Idade Média, que se estendeu do século V ao XV, tendo seu início com a queda do Império Romano, o idoso estava afastado do trabalho do campo devido às dificuldades desse ofício. Os velhos tinham certo afastamento da vida pública, pois a prioridade na condução era dos mais jovens e, até os papas, eram pessoas jovens. Na sociedade feudal, o velho tinha papel intermediário, uma vez que se exigia a força e a espada para a defesa do feudo. Na literatura, os idosos também foram desprezados, com exceção de Carlos Magno, no qual era retratado como um leão, e deveria ser aclamado por todas as coisas: terra, mar, animais, inclusive pelos astros.¹⁵

Nos séculos XIV ao XVI, os anciãos sofriam violência e ainda eram ridicularizados na arte e na literatura, como o exemplo da obra de Erasmo de Rotterdam, 'O elogio da loucura', onde o autor vê a velhice como fastidiosa, incômoda e insuportável. Para o autor, os "velhos" estariam à beira da sepultura e, com a sua morte, aconteceria uma metamorfose divina, que os transformaria novamente em crianças.¹⁶

Nas sociedades pré-industriais, os idosos eram ativos e valorizados pela família, respeitados e, em alguns momentos, venerados pela sociedade. Na

¹³BEAUVOIR, S. Op. Cit.

¹⁴SECCO; C. L. T. Op. Cit., p. 9-33.

¹⁵BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 127-134; 151-159.

¹⁶ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. São Paulo: Atena Editora, 2002. p. 27.

sociedade industrial, por serem considerados minoria e possuir baixa renda e baixo *status*, houve um descaso com os idosos, pois eles foram tidos como algo de pouca importância para as pesadas atividades laborais.

Existe uma discordância do bom tratamento ofertado aos idosos nas sociedades pré-industriais, especialmente a que vivia nos vilarejos, dizendo que eles eram maltratados pela geração mais jovem que chegava ao comando. Já nas sociedades industriais, o Estado oferecia certa proteção às pessoas contra a violência, e isso incluía o idoso.¹⁷

Nos séculos XVII e XVIII houve grandes avanços nas áreas de anatomia, patologia, fisiologia e química. No século XIX, ocorreu o crescimento de obras literárias e vários avanços das ciências, onde os mitos sobre o envelhecimento foram sendo trocados pelo conhecimento científico.¹⁸ Em uma visão mais pessimista, na segunda metade do século XIX em diante, as sociedades modernas viram a velhice como uma decadência física e afastada dos papéis sociais. A longevidade foi vista como um processo negativo de dependência e perdas, mas, foi importante para a legitimação de direitos.¹⁹

No século XX, com os avanços da medicina, surgiram novas ciências para o estudo do envelhecimento como a geriatria e a gerontologia, o que ajudou a mudar o pensamento negativo sobre a população senil, auxiliando em um novo olhar sobre o envelhecimento e, também, no apoio às novas conquistas em prol dessa população.²⁰ O que foi objeto de desprezo no passado; na contemporaneidade, aparece nas políticas públicas, na definição de novos mercados, nos discursos políticos e nas novas formas de lazer, pois esse segmento populacional vem representando cada vez mais uma parcela significativa da sociedade.²¹

Abandono e morte de idosos nas sociedades tradicionais

Como conceito de sociedades tradicionais, percebe-se que elas são como algo intermediário entre as sociedades modernas e sociedades primitivas. Essas

¹⁷ ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 84-85.

¹⁸ SECCO; C. L. T. Op. Cit., p. 9-33.

¹⁹ DEBERT, G. G. Op. Cit., p. 14.

²⁰ SECCO; C. L. T. Op. Cit., p. 9-33.

²¹ DEBERT, G. G. Op. Cit., p. 14.

comunidades tradicionais existiriam “(...) em função da cidade; de uma ou algumas cidades próximas ou mesmos distantes”.²² Tais sociedades tradicionais já existiam quando novas populações chegaram a determinado território e se estabeleceram.

A categoria sociedade tradicional é classificada de diferentes grupos e formas de viver, que são diferentes do modo conhecido como moderno. A comunidade tradicional tem traços característicos que a distingue, como os fortes laços familiares, a solidariedade e o compartilhamento; assemelhando-se mais como uma economia de boa fé.²³

Nas sociedades tradicionais, os caçadores-coletores nômades eram comunidades que não tinham local fixo e nem animais de carga, precisam carregar todos os objetos (armas, ferramentas, comida, água) nas costas, inclusive carregavam as crianças pequenas. Outro fator seria que, em ambientes com carência de alimentos, como nas regiões árticas ou nas desérticas, seria difícil realizar o estoque de alimentos. Essa logística inviabilizaria o fato das pessoas velhas e os doentes acompanharem o grupo. “Se não há comida suficiente para manter todos em boa condição física, ou apenas vivos, a sociedade precisa sacrificar seus membros menos valiosos ou menos produtivos; caso contrário, a sobrevivência de todos será posta em risco”.²⁴

No relato do antropólogo Allan Holmberg, quando acompanhava os índios bolivianos sirionos, essa comunidade estava prestes a se mudar de um determinado local, em direção ao rio Blanco. O pesquisador observava uma mulher de meia-idade, doente, e que não conseguia se levantar e nem falar. Ao ser questionado pelo antropólogo, o marido lhe respondeu que ela seria abandonada, pois não conseguia mais acompanhar o grupo. O marido partiu com o grupo sem se despedir, e a mulher ficou somente com alguns pertences pessoais, um fogo aceso e uma cabaça com água. No retorno ao acampamento, o antropólogo encontrou somente os restos da mulher, que havia sido comida por formigas e abutres. “Ela

²²BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. In: COSTA, João Batista. A; OLIVEIRA, Cláudia Luiz de. **Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 367-380.

²³BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 189.

²⁴DIAMOND, Jared. **O mundo até ontem: o que podemos aprender com as sociedades tradicionais?** Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 227.

havia usado suas últimas forças para tentar seguir o bando, mas fracassou e teve o mesmo destino de todos os sirionos, cujos dias de utilidade chegam ao fim”.²⁵

Em outra comunidade, a finalização da vida seria também feita sem o consentimento ou a cooperação da vítima, mas de uma forma diferente. A pessoa poderia ser apunhalada, sufocada, ter o pescoço quebrado ou levar uma machadada na cabeça. Em um relato, um índio paraguaio ache, comenta que

Eu geralmente matava as mulheres velhas. Matei minhas tias [ou o equivalente a tias] quando ainda estavam se movendo (vivas). [...] Eu as pisoteava, e todas elas morreram, perto do grande rio. [...] Eu não costumava esperar que estivessem completamente mortas para enterrá-las. Quando ainda estavam se mexendo, eu as quebrava [pescoço ou coluna]. (...) Eu não me importava com as velhas, eu as furava [com a lança].²⁶

Uma crença percebida na Antiguidade foi a do povo shiluke, que habitava a África Central. Essa população exterminava o seu chefe quando ele começava a ficar fraco ou impotente. Eles acreditavam que, se o chefe morresse naturalmente, deus morreria com ele e o mundo acabaria. Outro relato seria o costume do povo dinka, do sul do Sudão, que enterrava os idosos vivos, quando eles começavam a ter sinais de debilidade. “Acreditavam que, se dessem naturalmente o último suspiro, ao invés de guardá-lo no interior do seu corpo, a vida da comunidade se extinguiria com eles.”²⁷

Havia sociedades em que a morte não era imposta, tendo-se como exemplo o povo chukchis, no qual os idosos que escolhiam a morte voluntária, muitas vezes na modalidade de enforcamento. Esse ritual era assistido por todos e pela família e os anciãos que optavam por isso eram venerados e havia a promessa de uma excelente moradia em um outro mundo para eles. “Entre os kaulongs do sudoeste da Nova Bretanha, o estrangulamento de uma viúva por seus irmãos ou por um filho, imediatamente após a morte do marido, era procedimento rotineiro até a década de 1950. Esse ato era uma obrigação que, embora emocionalmente

²⁵Ibidem. p. 228.

²⁶DIAMOND, J. Op. Cit., p. 229.

²⁷BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 53.

arrasadora para o algoz, não podia ser evitada por ele, sob pena de cobri-lo de vergonha.”²⁸

Porém, percebe-se que mesmo sendo um acontecimento normal para a sociedade dos kaulongs, existe certa discriminação da mulher idosa, pois ela era morta assim que o marido falecia. Mas não há referência ao que aconteceria com o marido, caso a esposa viesse a falecer. É possível que o homem continuasse a sobreviver e, só seria morto, caso acontecesse um período de fome na localidade, por exemplo.

Um fato que pode comprovar a naturalidade da morte para comunidades primitivas foi percebido nas ilhas Banks.²⁹ As pessoas, quando estavam doentes ou velhas, chegavam a implorar para que amigos as enterrassem vivas, para que chegasse ao fim o seu sofrimento. Tal medida era realizada como um ato de bondade. Há casos de pessoas que foram enterradas devido ao mal estar gerado por uma gripe.³⁰

Mesmo com a carência de documentos históricos e as poucas evidências encontradas, acredita-se que em muitas sociedades antigas, acontecia o extermínio de pessoas idosas, especialmente se eles fossem considerados carentes. Observa-se que em determinadas sociedades, além da questão de gênero, a questão social, associadas ao fator idade, eram fundamentais para determinar se uma pessoa teria o direito de viver ou de morrer.³¹

Existiam outras formas das sociedades tradicionais de se livrarem dos idosos, seja com o incentivo ao suicídio, seja pulando de um penhasco, nadando no mar até chegar ao fim das forças, ou se embrenhando em batalhas. Isso era feito pelos povos chukchis e iacutos da Sibéria, pelos índios crows da América do Norte, e pelos inuítes e os nórdicos. No suicídio assistido ou assassinato, com o consentimento da pessoa, os idosos eram estrangulados, esfaqueados ou enterrados vivos. As formas mais “passivas” de descartar os idosos seria o abandono, para que vagueiem sozinhos até a morte; o oferecimento de pouca

²⁸DIAMOND, J. Op. Cit., p. 229.

²⁹As ilhas Banks estão dentro do país-arquipélago chamado Vanuatu, formado por 83 ilhas que se encontram à Sudoeste do Oceano Pacífico, à nordeste da Austrália e norte da Nova Zelândia. Disponível em: <https://mapcarta.com/pt/16620522>. Acesso em 09 mar. 2018.

³⁰DIAMOND, J. Op. Cit., p. 229.

³¹BEAUVOIR, S. Op. Cit., p. 139-140.

comida para que morram de desnutrição; e mudar de acampamento, deixando o velho ou o doente, intencionalmente, no acampamento anterior.³²

Mas, nem todas as sociedades tradicionais tinham o hábito de exterminar os seus idosos. Em algumas sociedades tradicionais, as pessoas conseguiram sobressair cuidando e sendo cuidadas pelos idosos. Os idosos que não conseguiam caçar animais de grande porte ou colher elevado número de frutos passavam a ajudar de alguma forma a sua comunidade, caçando animais de pequeno porte, colhendo um menor número de frutos, fazendo armadilhas, ensinando aos mais jovens estratégias de caça, cuidando dos pequenos enquanto os pais saíssem em busca de alimentos. Nesse quesito, as avós tinham papel fundamental, pois ajudavam na alimentação dos netos. Um exemplo do zelo pelos idosos são os povos !kungs e os pigmeus africanos, que concediam o cuidado e a defesa do idoso a um parente próximo para fazê-lo.³³

Outras funções que seriam destinadas aos idosos, que realizavam com mais competência que os mais jovens, era a fabricação de utensílios para os filhos adultos (armas, cestos e tecidos). Os idosos também eram úteis como curandeiros, parteiras e líderes políticos. Mas são mais úteis ainda em sociedades pré-letradas e, principalmente, nas que utilizam a oralidade para a transmissão do conhecimento, pois a sua memória são como bibliotecas ambulantes.

Abandono de idosos nas sociedades contemporâneas

Em uma observação de um habitante da ilha de Viti Levu,³⁴ que visitou os Estados Unidos, foi feita uma comparação com a sua sociedade. O morador ressaltou que em Fiji, quando a pessoa fica idosa, passa a conviver com parentes e amigos. Mas ficou indignado pelo fato dos cidadãos americanos encaminharem os anciãos para asilos ou clínicas, e chegou a ponto de dizer que eles jogavam fora os velhos e os pais.³⁵

Ao se perguntar o que fez com que um morador de uma sociedade tradicional se espantasse com o tratamento dado por uma sociedade considerada

³²DIAMOND, J. Op. Cit., p. 228-229.

³³Ibidem. p. 230.

³⁴Viti Levu é a maior das ilhas de Fiji, que é um país da Oceania. Disponível em: https://mapcarta.com/pt/Viti_Levu. Acesso em: 09 mar. 2018.

³⁵DIAMOND, J. Op. Cit., p. 243.

um “padrão de modernidade”, percebe-se o olhar exterior que é lançado sobre a sociedade ocidental, mas que muitas vezes não é percebido por ela mesma.

Mas não é sempre que os países ditos desenvolvidos encaminham os seus idosos para instituições asilares, pois em uma pesquisa comparativa na Inglaterra, Dinamarca e no próprio Estados Unidos, percebeu-se que alguns idosos moram com seus filhos mais velhos. Outros residem próximos e, em determinados casos, os idosos moram distantes, mas são visitados frequentemente pela família. Porém, existe uma tendência da diminuição de idosos morando com filhos nos Estados Unidos e Europa.³⁶

Outro fator relevante é que idosos morando com os filhos não significa que eles serão respeitados e prestigiados, ou que sofrerão maus tratos. Dessa forma, não há como saber se o idoso será mais bem tratado se estiver próximo à sua família, ou se estiver em uma instituição tipicamente asilar.

O envelhecer para o ser humano pode se tornar um fator de isolamento, no qual as relações sociais vão diminuindo e a decadência do ser faz com que ele seja deixado de lado pelas pessoas.

O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos e moribundos.³⁷

Essa falta de identificação das pessoas mais jovens com os idosos pode significar a própria negação do ser humano em pensar que um dia poderá envelhecer e, com isso, sentir todas as mazelas que são vivenciadas pelos anciãos até que chegue o fim da sua vida.

Em um estudo foi feito em 46 países da Europa, no ano de 2015, foi diagnosticado que existem poucos profissionais para cuidar de idosos, e os gastos com essa população são reduzidos. Comparando alguns países, para cada 100 idosos, Portugal tem 0,4 trabalhadores; Espanha 2,9 e Noruega, 17,1. O estudo diz que em Portugal, 90,4% dos idosos são deixados por conta da própria sorte, sem

³⁶DEBERT, G. G. Op. Cit., p. 82.

³⁷ELIAS, N. Op. Cit., p. 8.

receber qualquer cuidado. Na Europa, essa porcentagem chega a 30%. Na França e na Eslováquia, 73,5% dos idosos não têm cuidados de longo prazo de qualidade, enquanto a Irlanda a porcentagem é de 56,6%, na República Checa, 49,4%, e na Alemanha, 22,9%. Já os países de Luxemburgo, Noruega, Suécia e Suíça, o índice chega a 100% de cobertura ao atendimento a idosos.³⁸

Portugal, ao lado da França e da Eslováquia, são os países com maior número de idosos abandonados da Europa. No caso de Portugal, além de um baixo investimento em cuidados de longa duração (0,1% do PIB), e um número baixo de profissionais para os cuidados, existe um grande contingente de idosos abandonados. A Organização Internacional do Trabalho – OIT – diz que os sistemas de segurança social para cuidados de longa duração são falhos e que somente 5,6% da população do mundo recebem a cobertura universal referente a esses cuidados.³⁹

Apesar de Portugal ter passado por um longo período de envelhecimento, o país não se preparou devidamente para o atendimento da população anciã. Existe uma parcela de idosos que foram abandonados pelas famílias nos hospitais ou que as famílias não têm condições de recebê-los e que, mesmo com a alta hospitalar, não conseguem retornar aos seus lares, e continuam a necessitar de cuidados básicos. O gasto relativo com cada pessoa acamada em um hospital português é elevado, e os hospitais tentam transferir essas pessoas para instituições voltadas aos idosos, mas as vagas são escassas devido à grande demanda. Muitos hospitais relatam que os períodos em que mais recebem idosos são no verão e no Natal.⁴⁰

A América Latina é o continente com maior desigualdade social, chegando em 2016 com 186 milhões de pessoas em situação de pobreza e 61 milhões em extrema pobreza. Porém, em relação aos idosos, a pobreza é amenizada devido ao

³⁸SCHEIL-ADLUNG, Xenia. Long-term care protection for older persons: a review of coverage deficits in 46 countries. **International Labour Office**, Geneva, 2015. Disponível em: <http://www.ilo.org/secsoc/information-resources/publications-and-tools/Workingpapers/WCMS_407620/lang--en/index.htm>. Acesso em: 25 mai. 2018.

³⁹Idosos de Portugal são dos mais abandonados na Europa. **Renascença**. 2015. Disponível em: <http://rr.sapo.pt/noticia/35332/idosos_de_portugal_sao_dos_mais_abandonados_na_europa>. Acesso em: 04 jul. 2018.

⁴⁰Idosos abandonados nos hospitais do país. **Correio da Manhã**. 2003. Disponível em: <<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/idosos-abandonados-nos-hospitais-do-pais>>. Acesso em: 01 mai 2018.

sistema de pensões e aposentadorias, que fazem parte do sistema de proteção social. Mas isso ainda não é suficiente para a manutenção do idoso e, além disso, existe a questão da diferença de salários entre os sexos.⁴¹

O estudo supracitado afirma que o continente latino-americano passa por um rápido envelhecimento populacional, superior ao processo verificado na Europa. Assim, a América Latina terá menos tempo para resolver os problemas sociais advindos desse processo. A previsão é que até 2040, a população de pessoas com 60 anos ou mais ultrapasse o número de crianças e jovens de até 14 anos.

No caso brasileiro, no ano de 2001, aconteceu a V Caravana Nacional de Direitos Humanos, realizada pela Comissão de Direitos Humanos, no qual se verificou um apanhado de vários casos de abandono e descaso. A Comissão percorreu 28 instituições asilares nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Paraná, e constatou que somente 06 delas estavam aptas ao atendimento a idosos. Percebeu-se que o modelo asilar promove segregação dos idosos e distanciamento da convivência comunitária. Os idosos ficavam confinados nos asilos e abandonados duplamente: pela família e pela própria instituição. Não eram oferecidas atividades e não possuíam liberdade, mesmo para pessoas em perfeita faculdade mental. Eles eram obrigados a obedecer todas as normas institucionais, como o horário de dormir e acordar, e comer o alimento que for servido, por exemplo.⁴²

Verificou-se que muitos desses idosos asilados sequer eram chamados por nome pelos funcionários. Dormiam em quartos lotados de camas, não tinham privacidade e nem local para guardar os seus pertences. As acomodações não eram adequadas à sua faixa etária, por isso acontecem muitos acidentes (quedas), seja por falta de corrimões nas escadas, por um banheiro escorregadio, por falta de um acompanhamento, dentre outros.

⁴¹CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Panorama Social da América Latina**. 2017. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/43228-panorama-social-america-latina-2017-documento-informativo>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

⁴²BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos e Minorias – CDHM. **V Caravana Nacional de Direitos Humanos: uma amostra da realidade dos abrigos e asilos de idosos no Brasil**. Brasília, março de 2002.

Devido às várias constatações encontradas, que foram colocadas em relatórios, com os devidos registros fotográficos, foi recomendada a criação do Conselho Nacional do Idoso e da Coordenação Nacional da Política do Idoso, juntamente com a criação do Programa Nacional de Cuidadores de Idosos. As instituições asilares foram desativadas e foram criadas Casas-Lares, Hospitais-Dia e Centros de Convivência. O Poder Público ficou a cargo da fiscalização dessas instituições, que deverão seguir a legislação e normas vigentes para o seu funcionamento.⁴³

Outra questão que merece ser comentada na atualidade é a violência contra o idoso. Como verificado nas sociedades primitivas e na história das civilizações, a violência existe no mundo desde os tempos primórdios, e foi utilizada como tradição, e até mesmo como uma forma de sobrevivência do homem perante aos desafios da natureza.

A violência doméstica contra o idoso, especialmente aquela praticada no contexto familiar por pessoas com laços consanguíneos, é um tipo de violência das mais repudiáveis, por ser cometida por pessoas próximas, contra pessoas vulneráveis e que não possuem meios de defesa. A violência contra o idoso pode acontecer de forma física, mas também deixar traumas psicológicos⁴⁴.

Vários estudos apontam a prática da violência contra o idoso, inclusive dentro do próprio lar, e cometida por familiares. Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre violência contra idosos, no ano de 1996, foram encontrados próximo de 450.000 idosos acometidos por abusos ou negligência. Aproximadamente, em 90% dos casos, o agressor era um parente próximo e, a maioria dos agredidos eram mulheres com 80 anos ou mais.⁴⁵

⁴³CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Características sociodemográficas da população idosa. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 04-21.

⁴⁴ROCHA, Camila de Freitas; ROCHA, Tânia Mara de Freitas. Violência doméstica contra o idoso. **Revista Visão Universitária**, v. 2, p. 102-115, 2017.

⁴⁵TATARA, T. et al. The National Center on Elder Abuse. The National Elder Abuse Incidence Study Final Report. Washington, DC, 1998, 136p. *Apud* SANCHES, Ana Paula R. Amadio; LEBRÃO, Maria Lúcia; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. Violência contra idosos: uma questão nova? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, vol. 17, n. 3, p. 90-100, 2008.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS⁴⁶ –, as maiores queixas de violência relatadas pelos idosos brasileiros são a exclusão social, a infantilização, o sentimento de inutilização, a diminuição da renda, e o desrespeito aos seus direitos.

Em um estudo junto ao serviço de disque denúncia de violência contra o idoso, realizado em uma cidade de São Paulo⁴⁷, verificou-se que a maioria dos maus tratos foram cometidos contra idosos analfabetos, viúvos e do sexo feminino. Na pesquisa, percebeu-se que os agressores são, na sua maioria, filhos ou parentes, totalizando 92,5% dos casos. Os tipos de violência percebidos foram a negligência, o abandono, a agressão física e a psicológica.

Morte de idosos nas sociedades contemporâneas

Sabe-se que as pessoas vão morrer um dia. O local para onde elas vão além morte, em uma outra vida, é uma forma dos homens enfrentarem o seu fim⁴⁸. Não se sabe qual o local as pessoas vão após a sua morte, mas a religião seria uma forma de tentar explicar essa questão e, também, uma forma de acalantar a perda. As sociedades humanas possuem uma religião, e ela é utilizada para preencher necessidades humanas universais.⁴⁹

Há, na racionalidade humana, a maior das angústias: a consciência da finitude. Por outro lado, ao falar sobre morte podemos entender um pouco melhor a maneira como vivemos. Tendemos a ver na morte uma passagem e não um fim. A morte, como o nascimento ou o casamento, é universalmente considerada como um acontecimento socialmente significativo, assinalado por um ritual e confirmado pela sociedade.⁵⁰

Encarar a morte com naturalidade seria uma das formas de amenizar os sofrimentos humanos, pois, no passado, a morte era mais pública, uma vez que as

⁴⁶WHO/INPEA. *Missing voices: views of older persons on elder abuse*. Geneva, World Health Organization, 2002.

⁴⁷PINTO, Francine Nathálie Ferraresi Rodrigues; BARHAM, Elizabeth Joan; ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de. Idosos vítimas de violência: fatores sociodemográficos e subsídios para futuras intervenções. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** [en linea] 2013, acesso em 13 abr. 2019. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844512020>.

⁴⁸ELIAS, N. Op. Cit., p. 7.

⁴⁹DIAMOND, J. Op. Cit., p. 314.

⁵⁰ARAÚJO, Rogério Bianchi de. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 10, n.2, p. 341-353, jul./dez. 2012, p. 342.

pessoas estavam mais próximas, e isso facilitava a socialização. Na Idade Média, o tema morte era presente nas conversas, nas artes e na literatura, principalmente com a peste negra, que gerou grande temor e milhares de mortes. Havia o medo e apreensão em torno do tema morte e isso era amplamente difundido pela Igreja Católica que pregava o paraíso para os seguidores da doutrina cristã e, para os hereges, o inferno seria o destino. As guerras religiosas, que dizimavam centenas de pessoas opostas à religião, era outro fator que gerava medo nas pessoas.⁵¹

No século XVI, os poemas fúnebres eram comuns e assuntos como morte, sepultura, corpos em decomposição e outros, eram falados sem censura, inclusive para crianças. No pré-capitalismo, quando uma pessoa morria, era velada em casa pelos familiares e amigos, podendo ter a companhia de uma autoridade religiosa.⁵²

No século XXI, percebeu-se um distanciamento, tanto da morte quanto dos moribundos do meio social, pois os “vivos” nem sequer saberiam o que conversar com alguém próximo à morte. Percebe-se, também, uma repressão sentimental das pessoas em relação à morte, pois “no século XVII, os homens podiam chorar em público; isso tornou-se hoje difícil e pouco frequente. Só as mulheres ainda são capazes, socialmente livres para fazê-lo – por quanto tempo ainda.”⁵³

Na atualidade, o ato de morrer passou a ser mais solitário, morre-se em um hospital, cercado por médicos, enfermeiros e aparelhos. Na contemporaneidade, a morte foi incorporada pela sociedade de consumo e se tornou um negócio, em especial para as empresas funerárias. Ofertar ao morto um enterro caro, com um caixão de luxo pode livrar as pessoas de todo o processo que envolve o rito fúnebre, aliviando o fardo da família. Essa ilusão casa bem com os interesses industriais ligados à morte, que obtém lucro com os serviços prestados, como lavar, embalsamar, maquiar e arrumar o corpo.⁵⁴

Em relação à morte de idosos, estudos sobre envelhecimento foram verificados e percebeu-se que, em nível mundial, o maior temor dos anciãos não é a morte em si, e sim, o fato de se tornarem dependentes de outras pessoas devido às suas próprias limitações físicas, e isso está ligado diretamente à perda da liberdade

⁵¹ELIAS, N. Op. Cit., p. 21.

⁵²ARAÚJO, R. B. Op. Cit., p. 342.

⁵³ELIAS, N. Op. Cit., p. 35.

⁵⁴ARAÚJO, R. B. Op. Cit., p. 342.

e do controle da própria vida. Quando isso ocorre, o idoso tem maior propensão de desejar a morte.⁵⁵

O desejo de morte de uma pessoa vai de encontro a uma questão polêmica: a eutanásia, que pode ser realizada tanto em pessoas idosas quanto pessoas jovens, dependendo da situação em que se encontram. É explanado que no Brasil, existem raros debates públicos sobre a eutanásia, mas há um projeto de lei no Estado de São Paulo que prevê a recusa do paciente por tratamentos dolorosos, que prolonguem a vida.⁵⁶

Na verdade, em algumas situações críticas e terminais, em face da inevitabilidade da morte e do esgotamento das alternativas curativas ou paliativas biomédicas, a possibilidade de decidir sobre a própria morte assume um papel de conforto moral. Um número crescente de pessoas, especialmente idosas, procura auxílio de médicos e enfermeiras não apenas para tratar doenças, mas para garantir que a experiência da morte seja também resultado de escolhas individuais.⁵⁷

A Holanda, a Colômbia e a Bélgica são exemplos de países que, de algum modo, regulamentaram uma determinada forma de eutanásia. A Holanda legalizou a eutanásia desde 1993, e a Colômbia permitiu a eutanásia passiva no ano de 1997. A Bélgica legalizou a eutanásia ou a morte assistida para pacientes que não têm mais chance de viver ou que tenham um sofrimento insuportável. Dessa forma, com o consentimento do paciente e seguindo todos os protocolos, o médico não poderá ser processado pela eutanásia.⁵⁸

No entanto, é necessário diferenciar eutanásia voluntária da eutanásia involuntária. A eutanásia voluntária é a morte desejada por um paciente em estado terminal, e que não estava com problemas de depressão quando tomou essa decisão. Já a eutanásia involuntária ou homicídio, é a morte provocada sem o consentimento do paciente. Para que aconteça a eutanásia é necessário

⁵⁵RIBEIRO, Mariana dos Santos; BORGES, Moema da Silva; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; SOUZA, M. C. dos S. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Vol. 20, n. 6, p. 880-888, 2017.

⁵⁶DINIZ, Débora; COSTA, Sérgio. Morrer com dignidade: um direito fundamental. *In*: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 121-134.

⁵⁷DINIZ, D.; COSTA, S. Op. Cit., p. 123.

⁵⁸DINIZ, Débora., GUILHEM, Dirce. **A teoria principialista. O que é bioética?** São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 34-38.

diagnosticar a não possibilidade de cura de um tratamento perante uma doença grave, e ainda se faz necessário um laudo de uma equipe multidisciplinar de saúde.⁵⁹

Uma história supostamente verídica, publicada anonimamente, no respeitado periódico médico, o *Journal of American Medical Association* (Jama), publicado em 1988, narra a história de um médico residente que se vê diante de uma jovem de nome Debbie, em estado terminal, diagnosticada com câncer, e que pedia para que o médico acabasse com o seu sofrimento. O médico procedeu conforme o pedido da jovem e injetou uma dose excessiva de medicamentos que a matou. A partir desse relato, houve diversas discussões bioéticas e polêmicas sobre o assunto. Para muitos profissionais, a história de Debbie, publicada no Jama, pode ser considerada um assassinato e foi caso de investigação policial.⁶⁰ Se foi verídica ou não, essa história serviu para regulamentar os procedimentos para a prática assistencial da eutanásia em determinados países.

Um caso verídico foi o de Sigmund Freud que, em 1939, aos 83 anos, após 32 cirurgias na garganta devido a um câncer, conversou com o seu médico e solicitou que o mesmo dissesse sempre a verdade, e que não o deixasse sofrer inutilmente. Após anos de tratamento e vários desconfortos, como cheiro fétido na garganta devido à lesão e o estado caquético do corpo, Freud solicita a eutanásia ao seu médico, e o mesmo o faz, aplicando duas injeções de morfina.⁶¹

Um caso ocorrido em 2017, no Brasil, mostrou o drama do apresentador Marcelo Rezende, que faleceu aos 65 anos. Diagnosticado com câncer no pâncreas, com metástase no fígado, no qual recebeu a informação de que a quimioterapia daria uma sobrevida a ele de até três anos, mas não o curaria. Após uma sessão dolorosa e efeitos colaterais, o apresentador optou por deixar o tratamento, se

⁵⁹SINGER, Peter. Justificando a eutanásia voluntária. In: ____. **Vida ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 242-250.

⁶⁰DINIZ, D.; COSTA, S. Op. Cit., p. 121-134.

⁶¹SANTOS, Laura Ferreira dos. Eutanásia: Para Poder Amar a Vida até ao Fim. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 4, p. 25-58, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/66>>. Acesso em: 08 jan. 2018..

apegando à fé e aos tratamentos alternativos, vindo a falecer alguns meses depois.⁶²

O caso mais recente de eutanásia, ocorrido em 2018, e que gerou grande repercussão nas mídias e várias polêmicas no mundo, foi o do cientista australiano David Goodall, de 104 anos. Satisfeito com a sua vida, mas insatisfeito com a sua qualidade de vida atual, Goodall lutou contra as leis do seu país e aos contrários à sua decisão. Após autorização, se dirigiu à Suíça, local onde é permitida a eutanásia e faleceu ao som de Beethoven e em companhia da família. O desejo do cientista era que outros países optassem por um serviço como o da Suíça, para que as pessoas pudessem falecer no seu próprio país, e de uma forma mais humanizada.⁶³

Percebe-se que nos três casos apresentados, a eutanásia foi realizada, mas de diferentes formas. O primeiro, após muitas tentativas de tratamento, optou por um tipo de eutanásia voluntária. O segundo, rejeitou os tratamentos modernos da medicina, falecendo de forma mais natural. O terceiro caso se deu por vontade própria, devido à insatisfação com o processo de degeneração do organismo envelhecido.

O suicídio é outro tema complexo e que não existe um único fator para que ele ocorra, mas sim, causas multifatoriais; como os fatores sociais, psicológicos e culturais. Verifica-se que o suicídio em idosos é, em geral, de difícil percepção, e é mais fácil de acontecer se comparado a outros estágios da vida. Pode ocorrer com mais frequência, inclusive por inanição, que é uma forma passiva de cometer o suicídio.⁶⁴

O suicídio é um auto-aniquilamento cometido por alguém em situação vulnerável, com a finalidade de acabar com uma dor psicológica insuportável. Atualmente, o suicídio cometido por idosos se tornou um problema de saúde

⁶²BERGAMASCO, Daniel; KUSUMOTO, Meire. Marcelo Rezende: a opção pelo tratamento alternativo. **Revista VEJA**, 22 set. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-escolha-de-rezende/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

⁶³Cientista de 104 anos morre em suicídio assistido ao som de Beethoven. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/cientista-de-104-anos-morre-em-suicidio-assistido-ao-som-de-beethoven-22670205>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

⁶⁴SANTOS, Emelynne Gabrielly de Oliveira.; OLIVEIRA, Yonara Oliveira Monique da Costa; AZEVEDO, Ulicélia Nascimento de.; NUNES, Aryelly Dayane da Silva.; AMADOR, Ana Edimilda.; BARBOSA, Isabelle Ribeiro. Análise espaço-temporal da mortalidade por suicídio em idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 20, n. 6, nov-dez, p. 854-865, 2017.

pública, pois, com o envelhecimento, há um comprometimento da saúde mental, que pode gerar quadros depressivos, podendo levar a pessoa a ter pensamentos suicidas ou até mesmo a cometer o ato.

Os idosos no contexto social e cultural, em determinadas fases de vida – como aposentadoria, impossibilidade de exercer a profissão por dependências físicas e psicológicas e surgimento de doenças crônicas – se deparam com mudanças negativas e perdas que, frequentemente, lhes causam uma espécie de morte social e subjetiva.⁶⁵

Em uma investigação sobre o suicídio de 16 idosos, entre os anos de 2006 a 2009, ocorrido em três cidades do Nordeste brasileiro, percebeu-se similaridades nas causas, como a migração do campo para a cidade; a ruptura de laços sociais; a perda de vínculos e de cultura; além da dificuldade de adaptação ao estilo urbano, que contribuiu para o agravamento da vulnerabilidade nesses idosos, e teve como consequência o suicídio dessas pessoas.⁶⁶

Em um estudo realizado com cerca de 30 idosos na Holanda, verificou-se que a maioria dos entrevistados tinha em comum uma vontade moderada a forte de desejar a morte. Os idosos relataram que as perdas, como a do(a) companheiro(a) e da independência, foram cruciais para a perda do sentido da vida. Mas, um estudo com idosos na China demonstrou que, mesmo com as adversidades, os idosos viviam uma vida normal e buscavam conforto na espiritualidade. A espiritualidade também foi relatada em outros estudos, no qual os idosos aceitaram a sua condição e, apesar de sentirem o desejo de morrer, não o faziam por acharem que deveriam esperar a vontade de Deus.⁶⁷

⁶⁵SOUSA, Girliani Silva de.; SILVA, Raimunda Magalhães da.; FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos.; MINAYO, Maria Cecília de Souza.; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Circunstâncias que envolvem o suicídio de pessoas idosas. **Interface**, 2014, p. 389-402. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n49/1807-5762-icse-1807-576220130241.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

⁶⁶SOUSA, G. S. de.; SILVA, R. M. da.; FIGUEIREDO, A. E. B.; MINAYO, M. C. de S.; VIEIRA, L. J. E. de S.. Op. Cit., p. 389-402.

⁶⁷RIBEIRO, Mariana dos Santos; BORGES, Moema da Silva; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; SOUZA, M. C. dos S. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Vol. 20, n. 6, p. 880-888, 2017

Considerações finais

Mesmo com os poucos documentos encontrados nos registros, percebe-se que existe uma história dos idosos, no qual os mesmos poderiam ser exaltados ou desprezados pela sociedade, e isso dependeria de diversos fatores, e um dos fatores principais seria o socioeconômico.

Nas sociedades tradicionais existiam alguns ritos e tradições em que idosos, especialmente aqueles do sexo feminino, eram abandonados nas suas tribos, ou eram mortos, de forma voluntária ou involuntária, e algumas vezes de forma violenta. Isso, muitas vezes, significava uma estratégia de sobrevivência para muitas tribos, pois os anciãos não conseguiam se deslocar por grandes distâncias em períodos de privação de alimentos. Mas, também existiam culturas em que os idosos possuíam o seu valor, seja no cuidado e alimentação dos mais jovens, seja nos ensinamentos de caça e fabricação de utensílios diversos.

Nas sociedades contemporâneas, também foram percebidas questões relacionadas ao abandono, além da exclusão e maus tratos com os idosos, inclusive em instituições hospitalares e asilares. Porém em países como Luxemburgo, Noruega, Suécia e Suíça, a situação dos idosos é mais estruturada e serve de modelo para os demais países. Mas ainda persiste em várias partes do Mundo a questão da violência contra os idosos que, semelhante às sociedades tradicionais, acontece muitas vezes na atualidade, e é realizada pelos próprios parentes.

Verificou-se que a morte de idosos provocada nas sociedades contemporâneas ocorreu de maneira diferente do que se deu nas sociedades tradicionais, pois nas sociedades tradicionais, as pessoas idosas poderiam ser mortas de forma violenta, e até mesmo contra a sua vontade. Já nas sociedades contemporâneas, a morte pode ocorrer por eutanásia (voluntária ou involuntária), que é regulamentada em alguns países; e por suicídio, que envolve uma série de fatores, como o abandono e a depressão. Mas também existe a violência contra idosos na sociedade contemporânea que, muitas vezes, é realizada por pessoas da própria família, e pode chegar ao ponto de matar o ancião.

Percebe-se que, tanto nas sociedades primitivas quanto nas sociedades tradicionais, a morte e o abandono de idosos possuem objetivos específicos, e deve ser verificada com um olhar liberto de preconceitos, no qual seja respeitada a sua

cultura e a vontade pessoal de cada cidadão. Enfim, deve-se entender todo o contexto histórico que envolve essas questões, que são fundamentais para o conhecimento da humanidade, e que podem servir de objeto de pesquisa para mudanças futuras.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 10, n.2, p. 341-353, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGAMASCO, Daniel; KUSUMOTO, Meire. Marcelo Rezende: a opção pelo tratamento alternativo. **Revista VEJA**, 22 set. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-escolha-de-rezende/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A comunidade tradicional. In: COSTA, João Batista. A; OLIVEIRA, Cláudia Luiz de. **Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 367-380.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos e Minorias – CDHM. **V Caravana Nacional de Direitos Humanos: uma amostra da realidade dos abrigos e asilos de idosos no Brasil**. Brasília, março de 2002.

CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Características sociodemográficas da população idosa. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Panorama Social da América Latina**. 2017. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/43228-panorama-social-america-latina-2017-documento-informativo>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Cientista de 104 anos morre em suicídio assistido ao som de Beethoven. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/cientista-de-104-anos->

morre-em-suicidio-assistido-ao-som-de-beethoven-22670205>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Idosos abandonados nos hospitais do país. **Correio da Manhã**. 2003. Disponível em: <<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/idosos-abandonados-nos-hospitais-do-pais>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

DIAMOND, Jared. **O mundo até ontem: o que podemos aprender com as sociedades tradicionais?** Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DINIZ, Débora; COSTA, Sérgio. Morrer com dignidade: um direito fundamental. *In*: DINIZ, Débora; GUILHEM, Dirce. **A teoria principialista. O que é bioética?** Ipea, São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 34-38.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PINTO, Francine Nathálie Ferraresi Rodrigues; BARHAM, Elizabeth Joan; ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de. **Idosos vítimas de violência: fatores sociodemográficos e subsídios para futuras intervenções**. Estudos e Pesquisas em Psicologia [en línea] 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844512020>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Idosos de Portugal são dos mais abandonados na Europa. **Rádio Renascença**, 2015. Disponível em: <http://rr.sapo.pt/noticia/35332/idosos_de_portugal_sao_dos_mais_abandonados_na_europa>. Acesso em: 04 jul. 2018.

RIBEIRO, Mariana dos Santos; BORGES, Moema da Silva, ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de; SOUZA, Mariana Cristina dos Santos. Estratégias de enfrentamento de idosos frente ao envelhecimento e à morte: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Vol. 20, n. 6, p. 880-888, 2017.

ROCHA, Camila de Freitas; ROCHA, Tânia Mara de Freitas. Violência doméstica contra o idoso. **Revista Visão Universitária**, v. 2, p. 102-115, 2017.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. São Paulo: Atena Editora, 2002.

SANTOS, Emelyne Gabrielly de Oliveira.; OLIVEIRA, Yonara Oliveira Monique da Costa; AZEVEDO, Ulicélia Nascimento de.; NUNES, Aryelly Dayane da Silva.; AMADOR, Ana Edimilda.; BARBOSA, Isabelle Ribeiro. Análise espaço-temporal da mortalidade por suicídio em idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, vol. 20, n. 6, nov-dez, p. 854-865, 2017.

SANTOS, Laura Ferreira dos. Eutanásia: Para Poder Amar a Vida até ao Fim. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 4, p. 25-58, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.interacoesismt.com/index.php/revista/article/view/66>>. Acesso em: 08 jan. 2018,

SCHEIL-ADLUNG, Xenia. Long-term care protection for older persons: a review of coverage deficits in 46 countries. **International Labour Office**, Geneva, 2015. Disponível em: <http://www.ilo.org/secsoc/information-resources/publications-and-tools/Workingpapers/WCMS_407620/lang--en/index.htm>. Acesso em: 25 mai. 2018.

SECCO; Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. As rugas do tempo na ficção. In: **Envelhecimento e Saúde Mental - Uma Aproximação Multidisciplinar**. Cadernos IPUB / Instituto de Psiquiatria da UFRJ, RJ; n.10, p. 9-33, 1999

SINGER, Peter. Justificando a eutanásia voluntária. **Vida ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SOUSA, Girliani Silva de.; SILVA, Raimunda Magalhães da.; FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos.; MINAYO, Maria Cecília de Souza.; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Circunstâncias que envolvem o suicídio de pessoas idosas. **Interface**, 2014, p. 389-402. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n49/1807-5762-icse-1807-576220130241.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

TATARA, T. et al. The National Center on Elder Abuse. The National Elder Abuse Incidence Study Final Report. Washington, DC, 1998, 136p. *Apud* SANCHES, Ana Paula R. Amadio; LEBRÃO, Maria Lúcia; DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira. Violência contra idosos: uma nova questão? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, vol. 17, n. 3, p. 90-100, 2008.

WHO/INPEA. Missing voices: views of older persons on elder abuse. Geneva, **World Health Organization**, 2002.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Antônio Dimas Cardoso
Universidade Estadual de Montes Claros, Centro de Ciências Sociais Aplicadas -
CCSA.
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Av. Professor Rui Braga, S/N.
Vila Mauricéia
39401089 - Montes Claros, MG - Brasil

Máximo Alessandro Mendes Ottoni
Universidade Estadual de Montes Claros, Centro de Ciências Sociais Aplicadas -
CCSA.
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Av. Professor Rui Braga, S/N.
Vila Maricéia
39401089 - Montes Claros, MG - Brasil.

Recebido: 06/05/2019
Aprovado: 15/12/2019